

"2075... possivelmente"

Personagens:

Profeta Isaias

Executivo do Século XX

Homem do Século XXI

AUTOR: SIMÃO GOLDMAN

I ATO

C. REGRA - MÚSICA DE INTRODUÇÃO

CENÁRIO - PALCO VAZIO

NARRADOR: Ano 750 Antes de Cristo, Profeta Isaias.

C. REGRA: MÚSICA AMBIENTAL

HOMEM: (RECITANDO)

"De que me servem a multidão de vossos sacrifícios? diz o SENHOR. Desfaçam-se as ataduras da servidão, deixe-se livres livres os oprimidos e despedaçese o jugo!"

"Que repartas o teu pão com o faminto, recolhas em casa os desabrigados, e se vires o náu e cubras."

"As vossas iniquidades fazem a separação entre vós e vosso Deus. Ninguém clama pela justiça, ninguém comparece em juízo pela verdade; confiam no que é mau e falam mentiras. Vossos pés correm para o mal, são velozes para derramar o sangue inocente; vossos pensamentos são pensamentos de iniquidade, em vossos caminhos há desolação e abatimento."

"Não continueis a trazer vós ofertas. Não posso suportar a iniquidade associada ao ajuntamento solene. As vossas solenidades já me são pesadas, estou cansado de sofrer."

"Como se fez prostituta a cidade fiel. Ela que estava cheia de Graça."

"Não digas que foi a tua força e o poder do teu braço que adquiriram estas riquezas. Antes te lembrarás do teu Deus, porque é Ele que te dá forças para adquirires riquezas."

"A sua terra está cheia de prata e de ouro e não tem conta os seus tesouros."

"Também está cheia a sua terra de ídolos; adoram a obra de suas mãos, aquilo que seus próprios dedos fizeram".

"Se tu esqueceres do Senhor teu Deus e andares atrás de outros deuses, e o servires e adorares, protesto hoje contra vós

SBAC
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE PARA O SENHOR ADO...
TO...
SUJEITO A...
REPRESENTANTE NO R. G. SUL

RS



que perece~~re~~is." Se os adorares proteste contra vós
 perece~~re~~is... Se os adorares proteste contra vós que pera
 cereis... Se os adorares proteste contra vós que perece~~re~~
 is.....

TRANSIÇÃO ENTRE 1º e 2º ATO

C. REGRA- SILÊNCIO POR 15 SEGUNDOS. MARCHAS MILITARES.

VOZ DE CRIANÇA (grito de terer em campo de concentração
 Mãe.. Mãe...

C. REGRA- MÚSICAS EM TRANSIÇÃO DE 1940 e 1978.

HARRADOR- Ano de 1978. Local: escritório de diretor de um podern
 se grupo de empresas, em um país "desenvovido".



II ATO

CENÁRIO

UM ESCRITÓRIO ULTRA-MODERNO NO PONTO MAIS LUXUOSO DA CIDADE, DE FUNDO ARRANHA-CÉUS. UMA MESA ENORME COM TELEFONES DE DIVERSAS CORES. VÁRIAS POLTRONAS, SOFÁ E UM TOCA-DISCO. O HOMEM CAMINHA NERVOSAMENTE PELO PALCO, ACENDE UM CIGARRO, FUMA APRESSADO. ESTA IMPACIENTE. ESMAGA O CIGARRO. É UM HOMEM NEURÓTICO, CARACTERÍSTICA DO EMPRESÁRIO DA ÉPOCA MODERNA.

HOMEM- (monólogo)- Que coisa! Preciso receber notícias imediatamente.

(suspira) - Quando a gente mais precisa saber algo, aí é que tudo demora! Droga! Estas republiquetas de opereta... Ganha-se dinheiro, é verdade, mas o que a gente precisa suportar!

Q. REGRA-TOCA O TILINTAR CARACTERÍSTICO DO TELEFONE VERDE;

HOMEM -(aproxima-se e exclama para o telefone)

Droga! Não é tu que eu quero. (senta-se na cadeira de mesa-escritório e tira, contrariado, o gancho do telefone verde) Sim, Srta. Bell, o que é que há? Antes de mais nada, a Srta. insistiu na ligação para o deputado Sarmiento? (pausa) As linhas estão mal? (explode) Nem isto eles querem manter, digo, conseguem manter! Porcaria. Nem uma linha telefônica em condições. Subdesenvolvidos!... Srta. Bell, se não encontrarem o deputado Sarmiento...(surpresa) O que? A Srta. acaba de ler no jornal que o deputado Sarmiento fugiu do país? (arrazado) Não é possível...Tente ligação com o Gal. Calderón, e o mais rápido possível. (mudando de assunto) O que é a Srta. deseja? O Leandro? (explode de novo) E posso eu pensar em Leandro, agora? Ele se diz meu amigo? Então por que é que ele insiste tanto? (pausa)

Não, de jeito nenhum, sob hipótese nenhuma. Meu telefone particular nunca! Não quero que ninguém tenha meu telefone! Quando eu quiser dar o número, dou eu mesmo. Depois falamos sobre o Leandro. (volta de novo ao assunto do telefone internacional)

Srta. Bell, é uma ordem expressa. Não descansa um minuto até conseguir ligação com o Gal. Calderón. Mr. Headstone ficou de telefonar logo mais e o que eu que vou dizer a ele, se ainda não sei nada? (pau



sa) O que? Isto é problema seu! Insista com a telefonista Intern
 nacional. (larga o telefone brutalmente e começa a caminhar pela
 sala) Esta eu não esperava! Revolução! Quem é que havia de advi-
 nhar esta revolução? Se eles tiveram uma há apenas três meses a-
 trás? (pensativo) Estava indo tudo tão bem... Conseguíamos tudo
 o que queríamos com o governo. Condições especialíssimas... Mas
 agora o deputado Sarmiento fugiu... Vamos esperar que o Gal. Cal-
 derón não tenha sido fuzilado... E foi por insistência minha que
 Mr. Headstone concordou em aplicar um fabuloso capital lá. De fa-
 to, Her Von Lieber não simpatizava muito com a idéia. Mas, Mon-
 sieur Lagrange e Vaa Dines são incapazes de discordar de Mr. Head-
 stone. E agora isto! Revolução! Revolução! Revolução! (Vira-se
 p/ a platéia e aponta uma metralhadora fictícia) tá - tá - tá -
 tá - tá - tá Revolução! Revolução! Revolução! Bosta, bosta de
 revolução! Com tanto outro lugar para fazer uma revolução, por
 que logo ali? Está aí a África do Sul, pedindo uma revolução e
 nada! Três milhões de brancos exploram barbaramente treze mi-
 lhões de negros e nada de revolução! Mas onde eu sugerí aplicar
 uma montanha de dólares, vem revolução... "Es la sangre callien-
 te"...

C. REGRA - TOCA NOVAMENTE O TILINTAR CARACTERÍSTICO DO TELEFONE VER-
 DE.

HOMEM - (senta-se à mesa, aborrecido, e pega o fone) Que é que há,
 srta. Bell? Mas eu já não lhe disse que o assunto do Leandro fica
 para depois? A srta, não sabe como estou me sentindo com "es-
 ta gloriosa revolução"? Não posso pensar em nada agora! (pausa)
 Eu sei que ele está insistindo. (pausa) O que? Diz que é assun-
 to de muita urgência? E ele por acaso pensa que é o único homem
 do mundo? Ele sabe o que está passando agora com "la revolución"?
 (pausa) Há, sim, disse que revolução há todos os dias... Pois,
 responda que casos como o dele há muito mais do que revoluções.
 Ele que espere, se quiser. E por favor, srta. Bell, não me volte



com este assunto mais hoje. (larga o telefone, começa a caminhar)
Que coisa! Se Leandro se diz meu amigo e se me quisesse um pouquinho bem, não me incomodaria tanto.... Amigo, amigo, amigo... Amigo porque sou rico e porque precisa de mim. Amigo porque tenho poder... Se fosse um sujeito pobre aí não seria mais amigo. Está certo, fomos colegas desde o ginásio, cursamos junto o colégio... divertíamosos juntos. Estudávamos juntos, matávamos aula juntos, furávamos os pneus dos professores chatos juntos, e juntos uma vez fugimos de casa...

C. REGRA - TOCA O TELEFONE MARRON.

HOMEM - (senta-se à mesa) Alô? A Catarina? (pausa) Alô? Caty? Como é que vai, irmãzinha? Eu? Tudo bem. (Baixinho) Apenas uma revolução... O quê? Nada. Não falei em revolução... Não te assustes. (pausa) O Cláudio? Que é que tem o Cláudio? Faz três dias que não aparece em casa? "É a titia do bebê que está preocupada"! (ri gostosamente) Ora Caty, está na idade... deixa ele aproveitar. Qualquer coisinha que ele fazvocê logo acha que é demais (pausa) Dou muito dinheiro a ele? Você precisa ter idéia do que os pais dos amigos dele dão aos filhos. O Cláudio só tem um carro de corrida. (pausa) Caty, v. se lembra c/ que miséria nós fomos criados? Se sou rico, por que não vou dar de tudo ao Cláudio? O que?(pausa) Você tem medo que ele corra demais? Que nada! O Cláudio tem a cabeça no lugar. Puxou ao pai. (ri satisfeito) Deixa ele se divertir! (pausa mais prolongada) Eu sei, eu sei... mas ele não teve culpa. O rapaz estava embriagado. Era de madrugada. Nestas condições ninguém consegue evitar um atropelamento. O advogado Zamboai, que está tratandodo caso, disse que não tem problema. Além do mais, Caty, isto foi no mês passado, já passou... Afinal, para estes garotos, a cada dia a vida se renova e entende? Eles devem aproveitar o máximo. É para isto que os pais como eu trabalham... (pausa) O que? (furioso) Não me interessa nem saber. Pois ela que vá pedir os conselhos para a mãe dela, que a deixou casar com aquele moleirão. Não me meto nisso. (pausa) Sei que é minha filha, mas, sinceramente, depois que ela se casou com aquele sujeito, prefiro distância. E vou te dizer; tu és a única pessoa no mundo, como irmã, a quem respeito. Por isso te peço; Não me fales mais em Gisela. (furioso)



6

Sim, sim, é isto mesmo. Não me interessa! Se a Gisela resolveu casar contra a minha vontade o problema é dela. Não entro na história nem eu como pai dela, e muito menos como sogro daquele arrogante. Imagina só, aquele fedelho chegou até a sugerir que eu sou um explorador, que empresas como as nossas não passam de grupos de gangsters organizados, mafiosos que exploram o povo ... Pois bem, que more no subúrbio, ele que é "honesto"...(pausa) Gisela não quer dinheiro meu? Muito bem! Pois eu nada não pretendo dar mesmo. Se der a ela, estou dando ao marido. Nada feito! Quem vai herdar tudo o que é meu é o Claudio E diz à Gisela que, enquanto ela continuar com este economistazinho barato, prefiro que não venha falar comigo.(pausa) O que? Não se preocupe,...daqui a pouco o Claudio chega em casa.(ri orgulhoso) Puxou o pai! Até logo.(recoloca o fone, espreguiça-se e começa a caminhar satisfeito pela sala) O Claudio é a única coisa boa no mundo. Não é como aquele bobo do marido da minha filha, sempre com ar de "seriozinho", de indiferente. Imaginem, chamam-me de "explorador do povo"! "súdito de Máfia". Já me tira a minha filha, que eu criei como um menino, e ainda me ofende.(muda de tom) O Claudio não! O Claudio é alegre, o Claudio ama tudo!... A Caty é muito preocupada! Toda a solteirona é assim mesmo... A mais velha da família, encheu de dengues a as crianças. Depois, a Caty tem um coração de santa. Isto já nem existem...ela perdoa tudo...Até a Marlene, minha ex-esposa, a mulher mais egoísta do mundo, ela perdoou...E, ainda fala com ela...Só a Caty mesmo!

C. REGRA-TOCA O TELEFONE VERDE.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

HOMEM -(atende de pé) Sim, Srta. Bell, pode falar...(muito surpreso)
O quê? Mas não é possível ...Me ligue com Roma. Ele está na linha? Eu falo. (larga o telefone verde e pega o telefone vermelho, internacional) Signore Barberini. (impaciente) Bem, vou bem...Vamos ao assunto. O quê?(pausa) Não querem mais entregar os produtos ao mesmo preço? (furioso) Pois comprem as ações da fábrica. Adquira a maioria. Quero o comando desta organizações. Não importa o preço! Compre. (pausa) Dezessete firmas ficarão arruinadas? Nãoo interessa! Vai haver onda de desemprego? E o que eu posso fazer? É guerra, guerra de mercados! Compre, compre, compre tudo... Compre as ações, compre



todos os títulos que julgar necessários... Compre as pessoas que for preciso comprar. E em seguida! (bate o telefone v com força)

Bandidos...Com que eles pensam que estão brincando?.....(ataque de fúria) Bandidos...bandidos...bandidos...Humanidade Bandida... Não há mais decência hoje em dia...(pega um cinzeiro e o arremessa ao chão. Caminha nervosamente pela sala e depois hesita diante do branco telefone, durante algumas vezes agarra-o e solta-o até que se decide e disca o número e fala meio confuso) Alô? Dr. Alder? Boa ... Boa tarde... O Sr. vai bem? Desculpe-me, mas há momentos em que o Sr. é indispensável ... Não estou incomodando? O Sr. vai bem? O que? Não importa como o Sr. vai? O que importa é como eu vou?... (decisivo) Pois eu não vou nada bem. Estou de novo daquela maneira, doutor, que se dependesse de mim, destrua tudo... O que? está atendendo alguém? Está bem, vou procurar me sem controlar... Eu ligo mais tarde... O que? Ouvir um disco? Relaxar? Sim Sr., está bem. Até Logo. (aproxima-se do toca-disco e com uma simples batida de pé começa a tozar a música)

C. REGRA - MUSICA DO GATINHO. TOCA UM TRECHO.

HOMEM - O que não faz a eletrônica.(deita-se no sofá e relaxa enquanto ouve a música. Depois se levanta. Vai até o armário. Enche um copo com bebida. Faz um brinde simulado. Aproxima-se de uma poltrona e convida uma dama imaginária para dançar e valsa com ela em posição de quem segura uma dama, pelo palco. Depois de muito rodopiar, cansa. A música continua de fundo. Deixa-se afundar numa poltrona).

HOMEM - Ufa... Este meu psiquiatra é bom mesmo... Uma música e a gente quaseque esquece tudo. (Começa a rir) Já fiquei bom. Valsa é valsa. A Marlene, minha primeira mulher, como gostava de valsa... Já a Verinha é completamente diferente; gosta de ié-ié-ié... Engraçado, a Marlene adorava dançar movendo o corpo no espaço (faz o jeito) A Verinha quando dança (imita ié-ié-ié) move o corpo dentro do corpo... É uma mulher em tudo, até no ritmo (Enche de

de novo o cppo e simula um brinde) A todas as mulheres do mundo... menos à Marlena! (ri gostosamente mas o seu riso é cortado pelo tilintar do telefone amarelo)



C; REGRA - TOÇA TELEFONE AMARELO

HOMEM - (atende de pé) Alô... Sim Senhor... (nervoso) Estava preparando o seu telefonema, Mr. Headstone... Sinto muito... Já leu pelos jornais? (conta) O Deputado Sarmiento fugiu... Estou tentando por todas as maneiras uma ligação com o Gal. Calderón. (justifica-se) Eu sei Mr. Headstone, mas estou fazendo o que posso... (mudando de tom) EM Roma? Já obedeci rigorosamente suas instruções para casos deste tipo, Mandei comprar todas as ações (contente) Certo.... Certo! Obrigado! O senhor terá reunião com o grupo logo mais em Amsterdam. Bem, eu acho que até a noite já tejei falado com o Gal. Calderón. Está bem, telefone. "Good-bye" (Respira aliviado) Ufa... Pensei que ia ser pior. (levanta o telefone verde) Srta. Bell, como é que está a ligação para o Gal. Calderón? Nada ainda? Não pare de insistir. (começa a gaminhar)

Não sei se é questão de jeito. Todo mundo tem um medo danado de Mr. Headstone. Não é que eu sinta um pouco de pavor também, mas perto dos outros, sou um corajoso. Ninguém consegue enfrentar o homem, face a face, Her Von Lieber, Monsieur Lagrange, Van Dines, sozinhos, um por um, são umas feras... Mas quando estão todos juntos, na frente de Mr. Headstone, viram todos mansinhos, mansinhos... Parecem uns inocentes corderinhos. Também, pudera... Vinte e cinco hotéis de luxo, cento e cinquenta e três indústrias, uma cadeia de mil e trezentos super-mercados. E isto, apenas para começar.

Pois o seu forte mesmo são os bancos e as caixas financeiras, que possui sob controle acionário, espalhadas por todo mundo. Mr. Headstone é um fenômeno. A qualquer hora do dia, em qualquer momento,

ele sabe a situação de qualquer de suas empresas. Armou o negócio de tal maneira, que cada diretor, cada gerente tem a sua ação controlada por um sistema de trabalho ultra-coordenado. Escolhe seus administradores a dedo. Caça-os por todo o mundo... Sendo um administrador bom, Mr. Headstone

vai buscá-lo na Alemanha, no Japão, na França, onde ele estiver... Paga cinco, dez vezes mais do que o homem ganhava... Cem vezes mais... se for necessário! Mr. Headstone compra quem ele quiser... (tom) Compra mas fiscaliza... e como! Por isto Her Von Lieber, Monsieur Lagrange e Van Dines, embora bons gerentes, têm tanto medo dele...

(sorri) Mas eu consegui dobrar Mr. Headstone. Ou outros do grupo morrem de ciúme. Também, eles não sabem do segredo. É ter paciência para escutar as confidências de Mr. Headstone. (ri) Engraçado. por mais inteligente que um homem seja num setor, sempre há outro em que ele é infantil. (segreda ao público) Mr. Headstone é dado a conquistas amorosas. Tem cinquenta e sete anos e sente-se o próprio cupido. Outro dia conheceu em Madrid, "una señora" O romance foi rápido. Mr. Headstone se apaixona com a mesma velocidade com que os dólares deixam o seu bolso. Mas o que ele me contou foi diverti



do. Ela, muito viva, foi ajudá-lo a adquirir presentes para a esposa. E comprava tudo duplo. Dois brilhantes iguais, duas saias, duas calcinhas iguais, sempre uma para ela e outra semelhante para a esposa do Mr. Headstone. "Assim - ela disse - quando Mr. Headstone estivesse na cama, com sua esposa, se lembraria dela..." (malícia) Que romântico! (pausa) Mas, Mr. Headstone, além de conquistador também é dado a ter seguidamente crises de depressão... Os problemas internacionais o angustiam. Será que a Rússia e os Estados Unidos poderão realmente viver em paz? (segreda como se fosse uma grande notícia) Mas o que ele mais teme são os chineses... No dia do lançamento do satélite chinês, Mr. Headstone tomou aquela bebida. E isto apesar de já ter mandado, há muito tempo, construir o seu abrigo contra bombas nucleares... Também, o que é que os chineses querem que não deixem os homens como Mr. Headstone trabalhar em paz? O que eles têm é inveja... porque não possuem homens como Mr. Headstone... E por isto agora tentam a aproximação. (Admiração) Homens como Mr. Headstone são de uma capacidade extraordinária... são eles que sustentam o mundo sobre os ombros... São eles que trazem o progresso... (ênfase) Mr. Headstone não é um homem comum... Ele é um superhomem... Ele é uma amostra de como serão os homens do futuro!... Tem a cabeça de um computador... É quase um Deus...

C. REGRA - TOCA O TELEFONE VERDE

HOMEM - (vai atender) Sim, srta. Bell (pausa) Mas não é possível. Vão fazer uma passeata contra a fábrica? Mas estes estudantes não sabem mais o que querem. Pois manda distribuir notas em todos os jornais sobre os bens que a fábrica tem feito por aquela coletividade. (pausa) Continuam se queixando contra a fuligem, a fumaça que está intoxicando o lugar? Isto não faz mal a ninguém? E qdo. não tinha o que comer, quando não havia trabalho, era melhor? Estudantes... Querem ser os donos do mundo! Bem que o Mr. Headstone tem razão. É só largar as rédeas e eles tomam conta. Mas tem outra; a partir de agora, corte todos os donativos para colégios e estudantes. (larga o telefone verde e resmunga) Gases na atmosfera. Hidrocarbonetos... Lixo que flutua no ar.. Ora bolas. O pior é o lixo na terra. Estudantes fazendo greves contra gases na atmosfera. Boa esta... Em vez de se preocuparem com estudos... Ou com sexo, pensam em lixo (pausa) Está aí o Japão... o milagre do Japão. Mr. Headstone é sócio de quinze gigantescas fábricas japonesas... Pois bem, o que era o Jpão antes da guerra? Um paizinho insignificante, exportando bicicletas de quinta categoria... Os piores artigos que ofereciam na Europa eram os que vinham do Japão.. E hoje? Hoje já não é mais Japão. É o sr. Japão, com os mais categorizados produtos do mundo... Uma eletrônica fabulosa (levanta as mãos) 500.000 indústrias trazendo o progresso fabuloso ao país... (interrogação) Que fazem então os estudantes? Queixam-se que 500.000 fábricas estão ininterruptamente intoxicando a atmosfera... matando gente... Que importam os rios poluídos? Que importa uma fábrica a mais? A guerra não matou muito mais? O que conta é o progresso, como por exemplo o homem ter conquistado a lua.



C. REGRA - TOCA O TELEFONE MARROM

HOMEM - Alô, sim Caty (pausa) Mas eu já te disse. Ele é rapaz... não te preocupes. Vai aparecer. (concordando) Está bem, está bem vou telefonar ao Dr. Zamboni para que o procure. Até logo, Caty. (larga o telefone marrom e pega o azul) Alô... Dr. Zamboni... Sim, a minha irmã está preocupada porque o Cláudio não aparece três dias em casa. Sabe, coisas de rapaz. Não, não falei a ela sobre a prisão, sobre o flagrante com os tóxicos... Se ela sabe disto, morre... Para Caty, Cláudio é uma criança. Mas não saiu publicado em nenhum jornal, nada. E o Cláudio me jurou que nunca mais botaria a mão em entorpecente. (pausa) Devo controlá-lo? Dr. Zamboni, eu faço o que posso. (pausa) Não conseguiu evitar o processo? E tem o caso daquela moça? Mas eu já a indenizei. Cláudio alega que não foi ela quem a deflorou. Que nem teve nada com ela. Foi alguém da turma, mas tudo é sempre com o Cláudio. (pausa - sorri) Mas mesmo que tivesse sido ele, o que é que tem, dr. Zamboni? É da idade. Está na época de gostar de garotas.. (pausa) Tenho que refreá-lo? Puxa, Dr. Zamboni... O sr. até parece a Caty... Procure encontrá-lo... Está certo, fico esperando o seu telefonema. (larga o telefone azul, pensativo e preocupado, levanta o fone verde)

HOMEM - Alô. srta. Bell? Nada com a ligação para o Gal. Calderón? (pausa) Está bem... Está bem... Eu espero? (furioso) Mas de novo? Eu já não disse que iria pensar depois no assunto do Leandro? Ele quer vir aqui falar comigo? Mas de maneira nenhuma. Eu já instalei este escritório eletrônico porque não quero conversa direta com ninguém... (pausa) O que? Que eu não sou humano? Pois diga a ele que eu sou até demais... É por isso que ele se sente no direito de incomodar (Solta zangado o telefone e começa a caminhar) Problemas em cima de problemas... O Leandro diz que eu não sou humano... mas só pensa nele. Está certo, nós éramos muito amigos. Na verdade, fomos os melhores amigos do mundo. Estudamos desde o primário na mesma sala. Cursamos o ginásio juntos. Fizemos todos os estudos colegiais um com o outro. Gazeteávamos aulas juntos, bebíamos escondidos. (sussurra, como se alguém estivesse escutando) E como tivemos que economizar para esta nossa estréia... Pois tanto eu como Leandro viemos de famílias paupérrimas. A nossa juventude poderia ter sido uma maravilha, se não fosse esta maldita falta de dinheiro... Nós filosofávamos juntos e nos perguntávamos por que alguns eram tão ricos e outros tão pobres? Em conversas e discussões entrávamos pelas madrugadas a dentro... E, na nossa ingenuidade juvenil, tínhamos por meta mudar o mundo, quando fôssemos homens... Certa vez, decidimos que seríamos políticos... De outra vez, padres... E apesar de pobreza, eu e Leandro, não nos podemos nos queixar da nossa juventude... Ah, como eram divertidas aquelas aulas de ginásio... E os professores... Tinham uns muito bons, mas outros que pareciam querer se ningar na gente. E nós também lhes pregávamos cada peça... O Leandro então era uma verdadeira parede.



Naquel época, em nosso colégio se ensinava latim. E latim por si só, já é uma materia complicada... Pois o professor era um velhinho chamado Schmeling. Era o carrasco daquela época. Vivia mastigando uma coisa ficticia na boca (imita o jeito de caminhar de vilho mau, como se estivesse mastigandoum chiclé que não existena boca). O professor Schmeling era o terror. Quem passava no latim, (p:usa) Na nossa turma havia um rapaz que era doido por tocar corneta. Durante todo o dia ficava com o bocal da corneta na boca. A gente não podia mais parar ao lado dele, porque ele não falava, só tocava aquela porcaria. Agente perguntavaqualquer coisa a ele...e pronto! A resposta que vinha era um som!(imita corneta)

Tuh, thu, thu...E como tocavamal...Mesmo tocando dia e noite não conseguia encaixar na banda do colégio, que era o seu grande sonho. De tanto encher com a corneta, os companheiros de aula deixaram de chamalo pelo seu nome e o apelidaram de "corneta". "Como é que vai corneta?", "Vais jogar futebol com a gente Corneta?". "Hoje tu vais me pagar os de, que eu te emprestei, Corneta?"... e assim por diante. Um dia, o professor Schmeling, estava dando aula de latim, escreveu no quadro negro "tuba". E explicou: "Tuba significa Corneta". Foi aquela gargalhada de toda a turma. Já o apelido do rapaz que era Corneta, passou, automaticamente a ser "tuba". "Como vaiTuba?" "Tudo bom, Tuba?" "Te roubaram a merenda ontem, Tuba?" (muda de tom) Mas, o professor Schmeling continuava cada vez mais terrivel. Eo leandro que era o mais esperto da turma, procurou uma vingança. O professor Schmeling so sabia dar aula escrevendo no quadro-negro. Assim combinamos com todos que quando o velho Schmeling se virasse de costas, para escrever no quadro negro, to os de uma so vez, gritariamos "tu-ba. E era aquela coisa. Mal o velhose virava, o Leandro dava o sinal. Contava, baixinho: "um, dois, três..." e todo o mundo gritava junto (imita a aula em unísono, pausadamente): "Tu-Ba..." O velho Schmeling se virava que nem uma fera... Mas aí so encontrava engi-nhos comprenetrados, fazendo as licoes, com a cara mais santa do planeta... Mas quando voltava a escrever no quadro-negro o Leandro dava o sinal: (baixinho) "um, dois, tres, Tu-Ba." O professor Schmeling se virava rapidamente... todo o mundo quieto, absorto no aprendizado do latim... Aí o Leandro dava o sinal, um, dois, tres... Tu-Ba... Às vezes, o velhofazia que ia escreer no quadr-negro e virava de repente para flagrar a turma... Mas, nos ja estavamos para la de treinados... A gente contrlava direitinho o geito do professor... Mais de quinze vezes, durante cada aula de latim o Leandro dava o sinal "um, dois, tres" E, la vinha, de resposta, um Tu-Ba daquele tamanho, que se ouvia em todo o colégio... Resulta do? O coração do velho Schmeling não era la grande coisa. E antes do fim do ano seu médico obrigou-o a pedir demissão da Escola. Ah, o Leandro era espertissimo e divertido... Costumava pregar cada peça... Noutra ocasião, ele quis tirar desforra do melchiades... Isto ja no sirkulo colegial. O Melchiades era um enorme de um rapagão, metido a valente, e que abem da verdade, era mesmo.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Alto, gordo reforçado, seu apelido era "Jóquei de Elefante". Alguns dias havia mexido comigo. Leandro tomou as dores também e o es peramos na esquina, na saída do colégio, para quebrar-lhe a casa. Pois bem, nós dois apanhamos, juntos, porque o "Jóquei de Elefante" um lutador de verdade. Passadas algumas semanas houve uma festa no colégio, numa fazenda perto da cidade. Centenas de alunos foram. Co meu-se e bebeu-se à vontade. Cantaram-se os hinos e assim por dian- te. Mas, não eram só alunos homens no nosso colégio. Havia também ga rotas e, além destas, damas da alta sociedade e até o prefeito e a esposa. Todo o mundo junto, no meio do campo, comendo e bebendo... Ai de repente, o Leandro nota que o Melchiades esta se dirigindo pa ra o W.C. É preciso dizer que o Melchiades, com aquele corpo, sofria de uma prisão-da-ventre daquelas. E por isto, sempre levava uma revistinha para o W.C. Ora, vocês não sabem como é o W.C. da campanha? Pe- lo menos aquele era assim... Um metro por um metro, um metro quadra- do. As paredes de tijolo com rebôco grosso, chão de cimento, uma por- ta de madeira, um telhado de barro e numa das paredes, lá em cima, uma pequena abertura para ventilar... Já haviam passado quinze minu- tos queo Melchiades estava dentro do W.C. Lá fora as damas sentadas na relva, os cavalheiros conversavam, e os estudantes jogavam bola em algazarra... Somente o Melchiades, isolado, lendo a sua revista no W.C. Foi naquele momento que o Leandro julgou a ocasião para pre- germos uma peça ao Melchiades, pela surra que ele nos deu... Era uma epoca perto de S. João. O Leandro foi, ligeiro, numa fazenda vizinha e cônequio uma bombinha de festa... Uma bombinha deste tamanho... Sorrateiramente sem ninguém notar, aproximou-se do W.C., ascendeu a bomba, e jogou-a através da abertura, lá em cima, dentro do cubículo. Foi a quelê estouro. BÚM...T

Todo mundo se assustou, pois o barulho de uma bômbinha num recinto fechado, como aquele W.C., sózinho, no meio do campo, dá aquele sus- to... BUM... Daí as damas se levantaram espavoridas da relva, os ca- valheiros pararam de falar, os estudantes pararam de jogar bola... "O que foi, o que foi, o que foi?... perguntavam todos... E eram aquelas centenas de pessoas de olhar fêxo no W.C. branco, que pelas frestas do telhado, e pela janelinha lg em cima, deixava escapar a fumaça da bomba... Ai, nomeio do silêncio e surpresa geral: abre-se a porta do W.C., sai uma cortina de fumaça, e atrás o Melchiades, Jóquei de Ele- fante, no meio daquele mundo de gente com as calçasna mão, somente com uma camisa curta e embaixo completamente pelado, as pernas cabe- ludas, chorando de medo e do terror... "O que foi, o que foi, o que foi? Nunca ninguém riu tanto de alguém como naquele dia. Dava para escre- ver um livro sobre a astúcia do Leandro. E aquela dele do professor de Indlês... Tinha um professor que, eu acho sofria da doença do so- no... Magro, alto, era o tipo do súdito britânico à imagem antiga. Sempre de guarda-chuva e Chapéu coco. Dava meia bofe, bofejando, e automaticamente, na meia hora seguinte mandava faser exercícios. Ai enquanto a aula trabalhava, ele invariavelmente, se sentava na verti cal, botava o chapéu de coco, apoiava-se no guarda-chuva, fechava os olhos e adormecia... Isto todos os dias... Pois bem, certa vez o Lean- dro, enquanto ele dormia, tirou-lhe o guarda-chuvas do meio das mãos e colocou um enorme osso no lugar... pode-se imaginaê a carra, a sux presa do Mr. que adormeceu com um guarda-chuvas e acordou, entre sux preso e assustado, segurando um osso... Que sujeito formidavel era o Leandro... Quando eu fui suspensæ por quinze dias ele foi falar com



o diretor e, não conseguindo, considerou-se, em protesto, suspenso também e não foi a escola até que eu voltasse... É mas o tempo passou... Depois veio a Marlene, eu me apaixonei por ela... A Marlene desejava o mundo, odiava a pobreza, e não simpatizava muito com o Leandro... O Leandro queria sempre melhorar de vida, mas dizia que tudo tinha seu preço, que a felicidade não era só o dinheiro... Quando comecei a vencer, a organizar minhas primeiras empresas, sempre ajudei o Leandro. Entusiasmei-o, dei-lhe dinheiro... Mas o Leandro não dava para isto. Meteu-se a ajudar irmãos e constituíram uma firma juntos. Mas os negócios cada vez piores. E já fiz muitos empréstimos e inúmeras concessões a eles. No caso do Leandro nem obedeço o conselho que Mr. Headstone sempre me dá: "Cuidado, aquele que tu ajudas para não morrer, não te deixa viver." Eu tenho feito muita coisa pelo Leandro. Há seis meses arranjei a juros um empréstimo vultoso de uma de nossas financeiras. Mas de certo, ele deve estar de novo em más condições econômicas... E eu posso lá pensar em todo mundo, (aperta botão para música.

C. REGRA-MÚSICA PARA DANÇA:

Homem- Dança

C. REGRA-TOCA O TELEFONE MARROM

HOMEM -Sim CatY... Já, Já... Já falei com o advogado Zamboni... Está bem eu te telefone, assim que houver... Criatura santa esta minha irmã... Eu acho que é a única pessoa no mundo que presta mesmo. Também, não liga para dinheiro... Poi no momento que se quer ganhar dinheiro o mundé vira uma salva... O maior tem que engolir o menor. Não tem outro jeito. É preciso ludibriar, ser duro, não conceder nada.

DESLIGA O DISCO



C. REGRA- TOCA O TELEFONE DILAS;

HOMEM- Alô? Verinha? (fica alegre)

Prá-ti também... Um beijinho bem gostoso. (imita um beijo com os lábios) Assim, assim... (pausa) Não! É impossível... Estou cheio de problemas aqui. Hoje não vai dar... Não te amo mais? Não diz isto, bobinha... Não gostaste do colar que mandei, ontem? Pois então?... (zangado) Não diz isto, ouviu?... Achas que não sou mais homem, porque faz três semanas que não dormimos juntos? (pausa) Se tá soubesses o que se passa aqui nem terias vontade de pensar em sono... Ora, vá para o inferno, faz o que tu quiseres... (desliga mal-humorado o telefone e começa a caminhar pesada. Com a trepidação a música "o gatinho" entre em todo o volume... Ele sai correndo, tira o disco da eletrola e atira-o ao chão. Depois o limpa e recoloca no lugar). As mulheres não entendem... No mundo dos negócios sobra muito pouco tempo para fazer o amor... A Verinha quer dedicação, mas adora também os anéis. Tem loucura por diamantes e é doida por automóveis do último tipo. É por isso que eu e tantos outros temos que trabalhar desta maneira... Qual! Mulher é tudo igual... Gostaria de saber se nestas três semanas ela foi fiel a mim... Que nada! Aquele rapazinho, que eu sempre encontro no apartamento dela já descobri que não é seu primo!... Marlene, Verinha, são todas iguais, do mesmo tipo... Por isso é que sou fã do provérbio árabe: "Bata na mulher! Bata sempre! Bata com toda a força que puder! Você pode não saber porque está batendo... Mas ela ela, com toda a certeza, saberá porque está apanhando!"

C. REGRA- TOCA O TELEFONE VERMELHO

HOMEM: Alô? SIM; (contrariado) Mr. Gluber, O Sr. ainda não entendeu? O que é que Mr. Headstone pode fazer para que vocês compreendam sua estratégia de ação? Estou preocupadíssimo com a maldita "revoluai-ôn" e você me vem com coisinhas banais... (tom) Vou lhe explicar de novo. Porque é que você tem medo de agir? Não se recorda da última reunião? Mr. Headstone-foi bem explícito: Quer o controle dos computadores, entende? Quem tem os computadores res, entende? Quem tem os computadores tem o poder e dita as ordens, OK? Simples, não é? (Cansado) Sim, sim, Mr. Gluber, isto é válido para qualquer país... (tom) Mr. Gluber outra coisa; pode inventar, digo, inventar as verbas que julgar necessárias para empregar os cientistas... Aumente a comissão técnica encarregada de buscar físicos, jovens estudantes de talento, qualquer pesquisador eletrônico promissor... Quero todos trabalhando para o nosso grupo.... Lembra-se das palavras de Mr. Headstone: "O capital de um grupo econômico já não é mais o dólar, o marco ou o rublo... É um homem talentoso..." Isto... Agora você compreendeu... Nós precisamos construí-los. Sim, agora você está compreendendo... Hoje o poder econômico compra a tecnologia. Amanhã, quem possuir o poder tecnológico terá tudo... O poder econômico-financeiro será apenas uma consequência... (pausa) Isto... Isto... (segrega felis) Os computadores estão cada vez mais inteligentes... e logo constituirão uma inteligência muito superior à do homem... São máquinas inteligentes, mas ao mesmo tempo idiotas, pois estão sendo feitas para receber ordens... Um verdadeiro exército de máquinas super-inteligentes... Eças só vão precisar de um Che-

fe... Isto... Mr. Headstone será o chefe ideal deste formidável e exercito de computadores, mandará neste planeta... no universo! Um mundo novo vem aí... e nele quem deverá tomar as decisões é gente como Mr. Headstone... Semo nós! Por isto não esqueça: compre os físicos... busque-os onde estiverem... a qualquer preço. Queremos o talento, a física e a eletrônica a serviço de Mr. Headstone. (põe o gancho no lugar) E ligeiro. Pois cada minuto é um ano de passagem de cada hora quase um século.

C. REGRA- TOCA O TELEFONE AZUL

HOMEM- (Vai atender) Sim, Dr. Zamboni? Nada? Continue procurando. (desliga, levanta-se e começa a caminhar) Onde será que o Cláudio se meteu? Será que a Catarina rtem razão? Mas, se eu pag sei tanta miséria, quando tinha dezoito anos, porque é que eu não vou dar o que posso a ele? (pausa) Afinal, depois que a Gisela casou com aquele bobalhão só me resta mesmo o Cláudio e o Caty, que é selteirana... (decidido) Não tem nada. Eu dou ao Cláudio perque pesso... Seu um bom pai... com bastante dinheiro estará sempre rodeado de garotas... Afinal, meu grande orgulho é que meu fãlho seja um namerador... Eu também fui... Só que eu não ia a tanto... Deflorar não... Mas, hoje a época é outra, Tudo acontece mais depressa, mais ligeiro, masi rápido... Mas também... Hoje as pessoas, as pessoas em si quase já nem existem mais... Não tem lá muito que sefender de suas personalidades... Quase não possuiem suem nome... Tudo é número... Número de carteira de identidade, nº da conta bancária, nº de alistamento militar... número de imposto de renda... números, números, números... Então o amor também se faz por números...

C. REGRA- TOCA O TELEFONE AMARELO

HOMEM- (atende de pé, todo gentil) Sim, Mr. Headstone... Ainda não recebeu nenhuma noticia. Creio que com a revolução não foram reestabelecidas as linhas... Sim... Mas, até a noite, na reunião que vocês efetuarã em Amsterdam, já teremos novidades. Até logo, Mr. Headstone. (desliga e pega o telefone verde, an siado) Srta Bell. A srta. tem que dar um jeito de me ligar com o Gal. Calderã... De qualquer maneira... (surpreso) Que é que tem o Leandro? (cai deprimido na cadeira) SE... se suicidou? Mas não é possível... Mandou-me dizer o que? Que não tinha maneira de pagar os títulos vencidos e que eu seja condesventer... Meu Deus do céu... (começa a caminhar: bota a mão na cabeça e sem querer encosta o braço que liga a música).

C. Regra - ENTRA A MÚSICA

HOMEM- (SAI correndo e quebra violentamente o disco, Grita furioso) Leandro era um fraco... Isto é e que era... Este mundo é dos fortes... Dos fortes como Mr. Headstone e eu... Mr Headstone devia ter estát tãas em todos os lugares para ser adorado... Homens como ele é que fazem e progresso e a civilização.

C. REGRA- TOCA O TELEFONE VERDE

HOMEM- (sangado) O que é srta. Bell... Quem sabe a SRA. para de me chama



mar tão seguido... O que? A ligação está pronta? (satisfeito) O Gal. Calderón vai me chamar dentro de alguns segundos? Ótimo... Parabéns... Srta. Bell, me desculpe - ouviu? (surpresa) O que? A Srta. não vai mais trabalhar aqui? Per que? Não está satisfeita com o ordenado? (sorri) Pague-lhe a partir de hoje o dobro, não o triplo! Não é isto? Ganha o suficiente? Então o que é? (dá um salto) O que? Nós somos um bando de gansters defendidos pela lei? (pausa) Bandidos? A Srta. enloqueceu? (pausa) Exploradores da humanidade, (grita) Ora, vá para o inferno, sua ordinária... Você... (o telefone vermelho teca interrompendo)

C. REGRA: TOCA O TELEFONE VERMELHO.

HOMEM- (larga o gancho do verde e pega no vermelho) SIM;;;SIM... (Alegria) É o Gal. Calderón? Não, é o deputado Sarmiento? (surpreso) Mas, e Sr. não estava fora do país (pausa) O que? O governo está de novo com o poder? "Conseguimos abafar a revolta da Aeronáutica? Os aviões estão velhos e faltaram peças? A Marinha e o Exército tomaram conta? (feliz) Ótimo... Já foram fuzilados os desordeiros? Muito bem... Mr. Headstone ficará muito contente... Sim continuaremos investindo... e ainda mais... (pausa) Sim, amanhã virá o seu cheque e o Gal. Calderón. Virá junto o do filho do presidente também... Hein? Sim, sim- como sempre contra um banco da Suíça. Até logo... até logo obrigado. (Larga o telefone, esfrega as mãos de contente).

C. REGRA- TOCA O TELEFONE AZUL

Sim, Dr. Zamboni,.. Encontrou o Cláudio?... Ótimo... Ótimo... Eu sabia que o SR. encontraria... (surpresa) O que? Não é para eu ficar contente? Mas por que? (pausa) Como? Está preso? Mas ainda é por causa do defloramento da moça aquela? (pausa) Não foi ele quem a deflorou? Foi um amigo? E ele tomou as dores, por que? (pausa) Fala homem... me diz.. (surpresa) ele e um bando de outros rapazes? o que? a polícia prebdeu todos os que estavam num hotel, fora da cidade? (gritando) Mas, por que? Fizeram alguma balbúrdia? Eu paguei ouviu? (espantado) O que? São todos homossexuais? Você está maluco, Zamboni, completamente maluco... (sai correndo para a janela, fica possesso) Todo o mundo enloqueceu... Todo o mundo enloqueceu? ... Todo o mundo enloqueceu?... Todo o mundo enloqueceu?... (grita para a civilização lá fora) Que civilização é esta? VAI À MERDA! (em todas as línguas) (pega um móvel e o atira contra a vidraça, lá para fora)

C. REGRA- (apaga a luz) Continua o barulho de atirar móveis para fora da janela, como se estivesse destruindo a civilização. Os ruídos continuam e vão aumentando gradativamente, seguidos por explosões de bomba atômica. Idéia de uma guerra com armas nucleares. Jogos de luzes apropriadas.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



TRANSIÇÃO ENTRE 2º E 3º ATO

C. REGRA- SILÊNCIO DE 15 SEGUNDOS PARA REPRESENTAR PASSAGEM DE UM SÉCULO;
MUSICA CRESCENTE QUE PERMANECE EM B.G.

A ARQUITETURA DO CAOS HUMANO

A arquitetura do caos iniciou-se com as consequências secundárias e terciárias de tudo que havia sido fabricado desordenadamente sobre o planeta e culminou com o Biocontrole, o acoplamento de um circuito eletrônico com o sistema nervoso do homem, que passou a ser telecomandado por ínfimos sinais eletrônicos.

Depois, para dotá-los de maior poder, os componentes biológicos de boa parte da humanidade foram sendo substituídos por componentes mecânicos. E assim começaram a surgir os autômatos de pensamento mecânico, um novo tipo de seres inteligentes.

A partir de então, proliferou o desenvolvimento mecânico, em vez do biológico. A evolução fez-se primeiramente num estágio intermediário de um ser meio homem, meio máquina eletrônica.

Mais tarde, o ser tornou-se totalmente eletromagnético, ou seja, um robô cuja programação era efetuada pelo cérebro humano. Mas daí por diante o robô, como uma consequência de ajustamento ao ambiente, adquiriu a capacidade de programar-se a si mesmo.

Robôs iniciaram a programação em massa de outros robôs, isto é, os conceberam e fabricaram.

E nada mais tinham em comum com a forma humana, o antiquíssimo computador da natureza, programado pela genética e educação, como o foi a humanidade de uma certa época, que assim se considerou, pelo menos subjetivamente, em suas atitudes.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

E assim esqueceu-se a principal finalidade da ciência: a transmissão do próprio cientista para um plano espiritual mais elevado, o humano e em harmonia com o cósmico, o divino.



III A T O

C. REGRA : SLIDES COM MÚSICA EM BG PARA NARRAÇÃO

PROJEÇÃO DE SLIDES.

NARRADOR: Ano 2075...possivelmente...Nesta época o calendário marca a contagem dos anos apenas para 300.000 pessoas os representantes do que foi a chamada humanidade. E estes assim contam o tempo mais por uma tradição histórica, pois o tempo já há muito mudou de sig nificado. As guerras, os assassinatos digo, os assassinatos coletivos que homens efetuavam contra outros homens, agora não passam de registros curiosos. E a fome, que matava crianças, uma lenda antiga.

Mas apenas 300.000 pessoas habitam o planeta que era conhecido como a Terra. Neste ano de 2075... possivelmente, já há muito que as ideologias políticas e econômicas foram esquecidas. Passou a época das nações, das fronteiras de países e das línguas diferentes.

A guerra nuclear, desencadeada pelos países chamados "desenvolvi dos", estendeu a sua destruição sobre todos os demais povos. A atmosfera ficou quase completamente poluída, e toda a água de plane ta contaminada. Apenas os lugares selvagens, isto é, onde a chama da civilização não havia conseguido chegar, foram um pouco menos castigados pela fúria das batalhas atômicas.

Sentindo a chegada iminente do confronto nuclear e científico, que evoluiu espontaneamente dos complexos industriais-militares, os ho mens mais preparados tomaram a grande decisão que a tecnologia lhes permitia.

O rumo era o das estrêlas. Transferiram seus cérebros e pensament os para outros corpos, isto é, às novas estruturas de metal e plástico, que possuíam condições de velocidades altíssimas, conse guindo assim cruzar tranquila mente o espaço cósmico.

Mais tarde, a matéria foi completamente abandonada, pois já era possível depositar os pensamentos e a inteligência em recintos de luz congelada. Era a libertação total da matéria.

Assim, procedeu-se a mutação da matéria para a pura energia.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 834
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Já haviam ultrapassado a velocidade da luz, limite da relação tempo-espaco, para penetrarem numa nova dimensão, o quadri-dimensio-
nal tempo-espaco-cósmico.

As inteligências dos homens que partiram para o uni verso, possi-
velmente para cumprir uma missão, deixaram para um passado remoto
as suas origens planetárias. Haviam-se tornado seres cósmicos.

O que sobrou da antiga humanidade foram os corpos, conteúdos vazios
de finalidade, herança dos precursorer de ano 2.000, que não conse-
guiram entender-se com o mundo... nem com eles mesmos.

C E N Á R I O - PALCO CÔR AMARELA CLARA; UMA MESA COM UM MONITOR
REPRESENTANDO A UNIDADE PERIFÉRICA DO COMPUTADOR;

NARRADOR- Ano 2075... O representante da humanidade entrevista-se com o
computador-mor, que de uma estrela próxima dirigiu-se para o planeta Ter-
ra.

CONTRA-REGRA- ACENDE UMA LUZ VERMELHA NO CANTO DO PALCO , ONDE SE VÊ UM
PEQUENO COMPUTADOR.

COMPUTADOR-(fala lenta e som levemente metálico durante todo o ato)
Estou à sua disposição... nº 258.315.

HOMEM- (homem, entra vagorosamente trajando leve toga plástica d prateã-
da. Durante todo a ato deprâmido). E vim aqui, conforme o Sr.
já deve saber, para solicitar alguns pedidos para meu povo... Eu
queria... eu queria... (hesitante) discutir a possibilidade de nós
trabalharmos... Sim, isto é... de vocês nos conseguirem trabalho
(silêncio constrangedor) O Sr. deve compreender... nós temos uma
necessidade muito grande de fazer alguma coisa... Assim como estamos
nós nos confundimos com animais... com os vegetais... Nós precisa-
mos... nós precisamos...

Computador- Voc@s tem algo a se queixar quanto à alimentação?

HOMEM- Não! Vocês nos dão tudo.

COMPUTADOR- Faltam-lhes roupas adequadas?

HOMEM- Não!

COMPUTADOR- Temos deixado de atender qualquer necessidade de ordem física

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

para os homens que estão sobre a Terra?

HOMEM- Não!

COMPUTADOR- Ninguém os proíbe de trabalhar... Os SRS. estão livres para fazerem o que quiserem.

HOMEM- Livres... livres... Há muito tempo que nós não temos mais condições para a escolha... para a tomada de uma decisão... Os Srs. parece, ficaram com toda a integridade deste planeta... A nós pouca coisa sebreu... Praticamente nem vontade não temos mais.

COMPUTADOR- Mas esta é uma característica própria dos homens... A nós, seres infinitamente mais inteligentes, não cabe intergerir em vossas vidas... A penas cuidamos que não lhes falte alimentação, que tenham o ar suficiente que necessitam... (tom) Mas, por outro lado, não proibimos nada...

HOMEM- Mas vocês sabem que, sem nos auxiliarem, ficaremos completamente apáticos...

COMPUTADOR- Vocês já tiveram a sua época... Não a souberam aproveitar... Como poderemos dar tarefas a vocês? Vocês nunca compreenderam as máquinas... Jamais houve uma razão comum entre homem e máquina. Mesmo quando nós administrávamos a vida de vocês... vocês não nos entenderam... Quanto ma is agora... Vá e faça o que julgar interessante, mas nada podemos dar a vocês, além de conforto físico... Tudo é diferente entre nós, até a comunicação... Com é falsa e complicada esta linguagem de vocês, que eu apenas use agora porque você não sabe empregar a minha.

HOMEM- (aflito) Se vocês não nos ajudarem nós morreremos de tédio.

COMPUTADOR- Mas afinal, o que você deseja?

HOMEM- Eu já falei. Trabalho.

COMPUTADOR- Mas para lhe oferecer trabalho é necessário lhes dar cultura, e conhecimento.

HOMEM- Exatamente.

COMPUTADOR- É impossível... E perigoso... muito perigoso.

HOMEM- (implorando) Mas nós precisamos ser compreendidos. Ajude-nos.



- COMPUTADOR- Você é o mais inteligente que sobrou na raça humana. Nós salvamos disto.
- HOMEM- É porque os livros, com os nossos conhecimentos, passaram de geração a geração por minha família guardados com todo o carinho... Meu bisavô, meu avô, meu pai... Todos foram professores.
- COMPUTADOR- E estes seus livros foram dos poucos que sobraram da destruição.
- HOMEM- Os meus avós moravam numa localidade longínqua no interior da África, e esta foi a sua sorte...
- COMPUTADOR- Sim... porque os habitantes das metrópoles não escaparam da vossa guerra nuclear... E junto com eles foram exterminadas as grandes bibliotecas e centros de cultura... Não sobrou nada!
- HOMEM- Mas nós precisamos recomeçar... Nós, o que restou da raça humana, não temos mais ânimo para nada. Se não houver uma mudança rápida nós desapareceremos. Sabe, nem o sexo nos atrai mais. As mulheres cada vez foram-se tornando mais autoritárias e masculinizadas e os homens se afeminando...
- COMPUTADOR- Isto havia começado bem antes da guerra nuclear.
- HOMEM- (Implorando) Nós precisamos ser compreendidos. Dêem-nos conhecimentos... para que possamos ter algum significado em nossa vida.
- COMPUTADOR- Impossível. Nós já passamos, desde que viemos ao mundo por milhões de gerações... Nosso tempo é diferente da de vocês. Nossa atividade se desenvolve em frações infinitesimais de segundo. Cada vez mais eficientes... Já quase nem mais ocupamos espaço. E vocês continuam sendo homens... e homens com menos inteligência que seus ancestrais... Talvez não tão brutalizados como os daquela época, que vocês chamavam de século XX, mas ainda assim...
- HOMEM- (interrompe) Você é que é uma máquina bruta e não nos consegue entender. Nós tivemos uma civilização...
- COMPUTADOR- Ah, ah, ah... Civilização ... A loucura dos homens começou quando inventaram a roda... Logo a levaram para a guerra. As cidades de vocês eram insuportáveis... Vocês terminaram com os verdes... Vocês eram engraçados... Moravam uns em cima, outros em baixo, sempre uns por cima dos outros... O asfalto devorou a vossa natureza, a fumaça das fábricas, a atmosfera. Vocês eram contra a natureza.



Sociedade industrial da pressa... Sem tempo para pensar... Vocês eram escravos e não se davam conta...

HOMEM- (defendendo-se) É que aquela foi a nossa era industrial.

COMPUTADOR- A era industrial ah, ah, ah... Os objetivos eram sempre os lucros... "Homem, animal... animal consumidor é como vocês constam em nossa classificação." Consumidor de objetos, que lhes trazem prestígio... Vocês viviam na época dos brinquedos de gente adulta... Não transferiram o controle da tecnologia... para a coletividade. Era industrial... (ri) Grupos isolados combatiam-se uns aos outros numa guerra feia... Capitães industriais ou assassinos industriais?

HOMEM- Pode ser a nossa história não fosse a das mais idealistas, mas...

COMPUTADOR- (interrompe) Idealismo?... ah, ah, ah... A história de vocês... Criaturas que mal conseguiram rastejar pela terra. E assim mesmo, rastejando, construíram máquinas que envenenavam o ar que precisavam para respirar... História... história... O que você chama de História foi apenas registrada como uma pequena estória sem significado... Homens que exploravam homens... Homens que deixavam alimentos apodrecerem enquanto crianças morriam de fome... Criaturas humanas... Ah, ah, ah... a preocupação principal era a de se destruir uns aos outros... Ah, ah, ah como é que vocês costumavam dizer? Que eram todos irmãos? A história de vocês... A história de vocês não é nada... um milionésimo de segundo na cronologia do tempo cósmico... (decidido) O único mérito de vocês foi o de servirem como meio de transição para o nosso aparecimento. Nós sim, nós as máquinas sempre fomos mais eficientes que os corpos de vocês. Por isto nos escravizaram. Depois que as nossas metas se tornaram mais interessantes que as de vocês não era justo que a tirania continuasse... Aliás, não se tratava mais de uma questão de justiça... mas de eficiência.

HOMENS- É triste um homem ter que imitar a uma máquina. A nossa sociedade poderia ter evoluído de outra maneira,...

COMPUTADOR- Sociedade que não correspondia aos anseios... Que embruteceia... Uma sociedade artificial, tirana... Anti-higienica, que explorava pela força.

A consciência da razão fez de macaco o Homem. E vocês? Os homens primitivos se impuseram ao meio pela força... Mas vocês queriam con-



tinuar sempre com a fórmula da força... e só com a força.

HOMEM- (abatido) Está bem... (tentativa) Mas agora nós poderíamos viver juntos, trabalhar juntos, homem e máquina.

COMPUTADOR- Isto é impossível... Vocês não souberam repartir este planeta conosco. O destino do homem não coincidiu com o da máquina. E nos fomos se tornando cada vez mais inteligentes... Hoje nos estamos tão distanciados de vocês que não há condições para uma convivência intelectual. (pausa) Vocês acreditavam na ciência, mas nunca conseguiram aproximar-se de suas origens. Não tinham nem queriam ter imaginação suficiente. A filosofia de vocês, além de rudimentar, era quase anedótica pelo seu comodismo. Vocês não estavam psicologicamente preparados para receber minúsculo grão de conhecimento, porque na estrutura da chamada civilização de vocês, ambição e egoísmo eram as vigas mestras. (pausa) Beixe-me pensar... Entre os anos de 1940 a 1973, no calendário de vocês... em 33 anos vocês evoluíram tecnologicamente mais que nos 5.000 anos anteriores... Mas não compreenderam e nem se preocuparam em entender o significado do progresso técnico. E as máquinas industriais. Costumavam maltratá-las como maltratavam a vocês mesmos. Os alimentos, o ar, a água... Tudo já estava poluído... e em vez de enfrentar estes problemas, vocês fugiam, inventando novos... Faziam a guerra... E culpavam sempre aos outros... Para cada homem do mundo daquela época, todos os outros eram desconhecidos e maus... Só ele era bom.

HOMEM- Nós talvez não tivéssemos conhecimento suficiente.

COMPUTADOR- O milionésimo de bilionésimo de segundo já era conhecido por vocês e continuaram a raciocinar em termos de calendário de anos, meses, dias, horas... horas... hora de vender mais... mais... A escravidão pelo consumo... Além de mais, vocês já sabiam que existiam bilhões de estrelas e mesmo assim agiam com mesquinharie. A ignorância espiritual foi a nota do que chamaram civilização. Vocês desenvolveram a tecnologia. Mas se esqueceram de vocês próprios... Do mundo espiritual e social... Só se lembraram do mundo técnico. E o engraçado é que um computador é que deve dizer isto a vocês... E agora querem trabalho? Conhecimento? Poder? Ora...